



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

de Mattos Pimenta Parente, Maria Alice; Stefen Holderbaum, Candice; Virbel, Jacques; Nespoulous, Jean Luc

A Relação Pergunta-resposta como Preditor do Reconto de Histórias

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 267-276

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818215>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Relação Pergunta-resposta como Preditor do Reconto de História

Maria Alice de Mattos Pimenta Parente¹

Candice Stefen Holderbaum

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jacques Virbel

Université Paul Sabatier, Toulouse, França

Jean-Luc Nespoulous

Université de Toulouse-Le Mirail, Toulouse, França

Resumo

Esse estudo teve como objetivo verificar duas hipóteses da teoria de questionabilidade textual de Virbel: 1) o reconhecimento de perguntas-respostas do autor; e, 2) a semelhança entre o reconto e força de questionabilidade da frase varia em função do texto. Um primeiro comparou o reconto de 53 participantes com a força de questionabilidade das frases. Os resultados mostraram correlações significativas entre as duas variáveis de estudo. Um segundo experimento analisou o reconto de 2 versões da história, que variaram quanto ao grau de consistência. Foram encontradas correlações significativas entre as duas variáveis de estudo. Os resultados dos 2 experimentos vão ao encontro da teoria de questionabilidade que propõe que para reconstruir uma história o ouvinte/leitor segue uma rede hierárquica que organiza as unidades significativas de acordo com a sua questionabilidade.

Palavras-chave: Compreensão textual; elaboração de perguntas; psicolingüística; coerência.

Question-asking Organization

Abstract

This study aimed to verify two hypotheses of the text questionability theory (Virbel): 1) the recall is similar to the organization; and 2) the similarity between the recall and the questionability force will be in function of the text content. The first one compared the recall of 53 subjects with the questionability force of the elementary sentences. Significant correlations between the two variables were found. A second experiment analyzed the recall of 141 subjects in 2 versions of the story, differentiated by the degree of consistency. Correlations were found only in the version with higher degree of consistency. The experiments were in accordance with the questionability theory in that, in order to understand and to reconstruct a story, the listener/reader follows a hierarchical network, which organizes the unities of meaning based on their questionability force.

Keywords: Textual comprehension; question asking; psycholinguistics; coherence.

Todo o professor sabe da importância do aluno ser capaz de elaborar boas perguntas, assim como qualquer palestrante fica muito frustrado quando, após sua fala, não surgem perguntas. É do senso comum, também, que uma boa pergunta indica que o interlocutor que compreendeu o que foi narrado. Esses fatos do cotidiano justificam a importância de incorporar ao estudo da narrativa a forma como o ouvinte/leitor elabora boas perguntas. Esse trabalho tem por objetivo verificar uma teoria denominada Teoria da Questionabilidade Textual que postula que todo o texto possui uma estrutura de relações pergunta/resposta para

que dependem do conhecimento prévio. As proposições que têm maior nível de questionabilidade possuem maior grau de ativação, enquanto as que possuem menor nível de questionabilidade possuem menor grau de ativação. Assim, quanto mais altas forem as proposições que o leitor processa, maior será a probabilidade de reconto (Kintsh et al., 1999).

Durante a compreensão textual, o leitor elabora perguntas que não se restringem apenas às sequências da narrativa. É preciso, no entanto, que o autor, na maioria das vezes, manifeste a pergunta que o leitor escolhido. Como várias versões de

Vários autores sugeriram que um mecanismo de pergunta/ resposta pode ser uma estratégia para relacionar a informação nova, dada pela superfície textual, com estruturas do conhecimento (Graesser, McMahan & Johnson, 1994; Graesser & Murachver, 1985; Olson, Duffy & Mack, 1985). Salientam a necessidade de incorporar uma teoria sobre a forma de fazer perguntas à teoria geral do texto, uma vez que: 1) a realização de perguntas enriquece as relações entre as unidades significativas do texto, que não ficam restritas aos objetivos e sub-objetivos, ou a causas e consequências (as perguntas PORQUE?), mas também possibilitam uma grande variedade de relações entre unidades do texto, como QUANDO?, COMO? etc.; e, 2) as relações estabelecidas pelas perguntas que conectam as idéias e eventos de uma história podem explicar os diferentes estilos do texto que uma história pode ser contada (Virbel, 1996).

Graesser e colaboradores (1994) desenvolveram um modelo a fim de identificar os mecanismos psicológicos subjacentes ao perguntar e responder. O principal objetivo das pesquisas desses autores foi verificar como os indivíduos são capazes de elaborar uma boa resposta para uma pergunta específica, a partir do que compreenderam de um texto. Em outras palavras, como as pessoas extraem de um texto uma informação entre uma dúzia ou uma centena de unidades significativas que dá origem para a boa resposta a pergunta postulada. Assim, seus trabalhos focalizaram a ação de perguntar/responder realizada *após a decodificação do texto* (Graesser & cols., 1994; Singer, 1984, 1986).

Entretanto, Virbel (1996) e Chali (1996, 1997) propuseram que a atividade de perguntar está *diretamente* envolvida na construção da estrutura textual. Eles desenvolveram a noção de *questionabilidade textual*, baseada na lógica de questões, denominada lógica erotética (Harrah, 1984). A lógica erotética considera a diferença entre interrogativa e a questão. Apesar das interrogativas serem um determinado tipo de frase, as questões podem ser expressas por sentenças declarativas ou imperativas. De mesmo modo, os teóricos de lógica erotética consideram que as respostas são um subgrupo de réplica, onde a réplica é qualquer resposta verbal a uma pergunta e a resposta é a réplica apropriada do ponto de vista da pessoa que postulou a pergunta (Materna, 1981). Nesta perspectiva, os estudos do grupo de Graesser focalizaram a interrogativa, enquanto que a *questionabilidade textual* está relacionada com questões.

A teoria de *questionabilidade textual* propõe que o texto, como um todo, tem um único significado, apesar de ser formado por

Um texto pode ser visto como uma resposta elaborada por si mesmo, de forma implícita e, vez, possui um número limitado de questões que unidades significativas em forma de rede na qual a significativa do texto dependerá das questões que o suporte; e, 2) cada unidade significativa responde por outras unidades do texto. Assim, cada texto tem um esquema estrutural de representação de perguntas e respostas.

O número de conexões de tipo pergunta/unidade significativa estabelece com as demais recebe o nome de *força de questionabilidade*. Em outras palavras, a força de questionabilidade corresponde ao número de perguntas que a unidade significativa de cada frase elementar (ou unidade significativa de frase) pode servir como resposta a outras frases. A força de questionabilidade é o número de perguntas que ela pode fazer tendo como referência a unidade significativa de sentença do texto. Desta forma, é possível prever a existência de questões levantadas e respondidas pelo texto, ou seja, a área de diálogo entre o autor e aquele que busca informações no determinado texto. Neste, algumas frases elementares podem referir-se a apenas uma outra, ou a nenhuma frase elementar, mas outras podem referir-se a várias frases elementares. Neste caso, a força de questionabilidade das relações pode-se estabelecer uma hierarquia entre as unidades significativas. A força de questionabilidade de uma unidade significativa, segundo a *força de questionabilidade* de cada unidade significativa que a compõe, de acordo com a Teoria da Questionabilidade Teórica, interconectada será mais relevante para o tipo de questão/resposta.

É importante salientar que a estrutura de freqüentemente não se encontra na superfície frases lidas ou ouvidas). Ao contrário, ela depende intencionais do autor e podem (ou não) ser percebidas pelo leitor através de mecanismos intencionais. Desse modo, na TQ encontra-se nas relações psicolinguísticas que compreende uma narrativa.

Chega-se, então, ao postulado central da Questionabilidade Textual. Se as unidades significativas se organizadas em forma de rede hierárquica e a força de dessas unidades pode ser previsto pela força de cada frase elementar, então, as frases elementares terão força de questionabilidade deverão manter-se a durante o processo de compreensão e, portanto, a probabilidade de serem recordadas.

enquanto que, normalmente, durante a decodificação de uma história, o estabelecimento de relações pergunta/resposta deve ocorrer de forma implícita. Além disso, numa situação natural, existe uma interação entre o processo de levantamento de perguntas do ouvinte (ou leitor) e a estrutura de relações de questões/resposta de uma determinada história proposta pelo autor. Sentenças iniciais podem levantar um grande número de perguntas. Entretanto, aquelas que não corresponderem aos objetivos da história e aos fatos subsequentes serão desativadas da estrutura de base (memória) e não estarão presentes no reconto. Em outras palavras, após ouvir as frases iniciais, o ouvinte realizará “n” questões, mas apenas algumas corresponderão às frases subsequentes. Estas últimas questões, classificadas pela teoria de questionabilidade textual como perguntas literais externas (ou seja, interfrasais), formarão o arcabouço das relações entre as frases textuais. As questões levantadas que não encontrarão eco (ou respostas) nas frases subsequentes, serão esquecidas e não serão manifestadas no reconto.

Não existe razão para supor uma correlação positiva com todas as possibilidades de elaborar questões de uma frase como unidade isolada. Entretanto, deverá existir uma correlação entre o número de questões levantadas, ao se considerar o texto como uma unidade de significado.

Assim, a hipótese da Teoria da Questionabilidade Textual é que o reconto irá ser similar à organização de questões/respostas do autor, que se refere às perguntas literais externas e refletem o significado do texto como uma unidade significativa. Na Teoria da Questionabilidade Textual, a organização de questões perguntas do autor é a relação de questões/perguntas das frases elementares que dão suporte a uma determinada versão da história. Como um reconto não é uma mera reprodução, mas uma seleção dos tópicos mais importantes, com possibilidades de inferências dentro do sentido de questões resposta, o reconto deverá se correlacionar com a força de questionabilidade.

Entretanto, a Teoria da Questionabilidade Textual prevê uma limitação quanto à evidência empírica de correlação entre a força de questionabilidade das frases do texto ouvido e a probabilidade de recordação pelo ouvinte/leitor. Quando as intenções do falante/autor não forem claras, o ouvinte elaborará mentalmente um grande número de questões, mas essas questões estarão relacionadas a outros tipos de informações para suprir a falta de relações significativas literais. De acordo com a Teoria da Questionabilidade Textual, essas questões

cada frase do texto ocorrerá apenas cujas unidades significativas tiverem. Para verificar esse pressuposto, um comprovar a teoria de questionabilidade do primeiro pressuposto, criando c utilizada no Experimento 1. Apesar significado essencial (macroestrutura) mais evidente, por possuir detalhe macroestrutura. Na outra história, o marginal ao significado global do texto maior esforço do ouvinte para organizar

Neste trabalho também foi característica demográfica da população textual na TQ.

Método

Experimento 1

Participantes

Participaram desse experimento 20 pessoas com 80 anos. A amostra foi recolhida por pessoas com dificuldades auditivas na leitura ou a escuta da história. Tais pessoas relataram problemas neurológicos ou

Vinte e dois participantes tinham entre 20 e 60 anos (jovens). Trinta anos de escolarização (escolarização entre 4 e 7 anos (escolarização baixa) (modalidade leitura) e depois reconto (modalidade oral) e depois reconto (termo de consentimento e a pesquisa ética da Universidade Federal do Rio

Material

Foi construída uma história sobre um menino que ficou preso no telhado e foi salvo (Anexo A). Essa história era composta por 57 frases elementares de acordo

Tabela 1

Relações Pergunta/resposta de cada tipo de Questão, Força de Questionabilidade Contada pelas Relações de Saída, de Entrada e Totais de a

		<i>motivo</i>	<i>finalidade</i>	<i>Como</i>	<i>Quando</i>	<i>Onde</i>
01	um homem era velho	5 6		2	26	8
02	este homem era ranzinza	1 3 4 7	16			
03	o homem vivia sozinho	1 2 7			4	8
04	há muito tempo o homem vivia sozinho	1 2 7			6	
05	o homem ia fazer 74 anos	1				8
06	em dezembro o homem ia fazer 74 anos	1 2 3 4 5 6				
07	o homem não suportava crianças					
08	o homem morava numa casa				3 - 9	20
09	um jardim rodeava esta casa				11	
10	N cuidava do jardim				11	
11	este jardim era bem cuidado			12		
12	o homem gostava de “11”					
13	a casa tinha uma entrada					
14	o homem tinha uma vara na porta desta entrada	16	16			
15	esta vara era feita de bambu	16				
16	o homem ameaçava as crianças com esta vara	2 7 17				
17	estas crianças eram barulhentas	18 19				18
18	as crianças moravam em um prédio				19	
19	este prédio era do tipo BNH					
20	A casa era vizinha ao prédio				19	
21	os pardais tinham feito um ninho					
22	o homem ia destruir este ninho	21				26 (adv)
23	a casa tinha um telhado					
24	o telhado tinha uma altura de 3,5 metros					
25	o homem ficou preso no telhado	21 22 28 32 33				22 26 27 33
26	numa terça-feira o homem ficou preso no telhado	21 22 28 32 33 31				26
27	o homem queria descer do telhado por uma escada	22			2830	22 26
28	muito rápido, (27)	22				26
29	o sobrado possuía uma parede					26
30	esta escada era de alumínio					26
31	o homem tinha colocado esta escada contra a parede	21			32	26
32	(31) estava mal equilibrada	30	33			26
33	o homem deixou cair a escada	27 28 30 32				27 28
34	o homem pôs-se a gritar por ajuda	25 33	43	35		44 45
35	com uma voz forte, o homem pôs-se a gritar por ajuda	25 33				25
36	um garoto era corajoso					
37	este garoto brincava na rua				38	25 27 33 34 35
38	calmamente, este garoto brincava na rua					25 27 33 34 35
39	perto da cerca (38)					25 27 33 34 35
40	N cercava N					
41	o garoto levantou a cabeça	34 35				34 35
42	o garoto compreendeu a situação	25 34				34 41
43	o garoto recolocou a escada	27 33 34 42 45				34 42
44	a escada estava perto de uma roseira	33				33
45	a escada estava no chão, perto de uma roseira	33				33
46	esta aventura foi vergonhosa para N	25				25 33

Tabela 2
Médias, Desvios-padrão, Máxima e Mínima das Diferentes Medidas da Força de Questões dos Recontos dos Participantes da Versão A

	<i>m</i>	<i>dp</i>	Máx.
<i>Força de questionabilidade</i>			
Total	5,30	05,11	22
POR QUE?	2,51	2,85	11
COMO?	0,51	0,76	04
ONDE e QUANDO?	2,04	2,85	11
<i>Reconto</i>			
Todos Idosos	26,21%	20,66	89%
Jovens	22,53%	20,27	77%
Alta escolaridade	28,77%	22,58	97%
Baixa escolaridade	24,77%	21,47	93%
Após leitura	27,70%	21,83	83%
Após escuta	22,83%	20,83	83%
	27,90%	21,79	91%

frase constituiu-se na soma das perguntas levantadas e das respostas a perguntas de outras frases. A Tabela 1 mostra as relações pergunta/resposta de cada tipo de questão, os dois escores preliminares e a força de questionabilidade de cada frase da versão A.

Procedimentos e desenho experimental

Cada participante ouviu ou leu a história e foi solicitado a contá-la lembrando-se do maior número de detalhes. O reconto foi gravado e depois transcrito. Dois juízes julgaram a presença ou a ausência de cada frase elementar em cada reconto dos participantes. Assim, para cada frase, foi contada a porcentagem de participantes que a incorporaram no discurso. Essa medida foi obtida para todos os participantes ($n=53$), assim como para os seguintes subgrupos: idosos, jovens adultos, participantes com baixa escolaridade, com alta escolaridade, aqueles submetidos à modalidade de leitura ou à modalidade oral.

Os pressupostos da Teoria da Questionabilidade Textual são correlacionais. Eles pretendem verificar se a força de questionabilidade de cada frase elementar corresponde à probabilidade de reconto dessa frase. Dessa forma foram realizadas correlações de Pearson entre a força de questionabilidade de cada frase (x) e a porcentagem de lembrança das mesmas por todos os participantes (y), assim como a porcentagem de lembrança dos sub-grupos descritos acima. Análises

que, separadamente para cada pergunta, mantinha-se: idosos jovens ($r=0,384$; $p=0,003$), participantes ($r=0,335$; $p=0,011$), participantes ($r=0,464$; $p<0,001$), reconto após apresentação oral e de regressão mostrou que a força preditor do reconto das frases ele-

O estudo separado dos tipos de pergunta POR QUE? (causal e de fato) e o reconto de todos os participantes em comparação com o relato dos subgrupos: idosos, jovens ($r=0,567$; $p<0,001$); participantes ($r=0,567$; $p<0,001$); com alta escolaridade ($r=0,522$; $p<0,001$) e após leitura ($r=0,522$; $p<0,001$). Já a pergunta COMO? não foi significativa no relato de todos os participantes analisados separadamente, como ($r=0,270$; $p=0,042$). Por fim, as pergunta COMO? e POR QUE? foram consideradas juntamente também não significativas ($r=0,567$; $p<0,001$).

de todos participantes nem nos grupos analisados separadamente, como exceção do grupo de baixa escolaridade ($r=0,294$; $p=0,026$).

Discussão

Os resultados dos recontos da Versão A mostraram, de acordo com nossa hipótese, uma correlação significativa entre a força de questionabilidade das frases e o reconto dos participantes, independentemente da idade, escolaridade e tipo de apresentação da história. Tais resultados sugerem que as relações de questão/resposta entre as diferentes frases de um texto têm relevância para o reconto dos participantes, diferentemente do que havia proposto Olson e colaboradores (1985). Em outras palavras, entre as estratégias utilizadas pelos participantes durante a interação autor/ leitor ou ouvinte, encontra-se a busca das relações de tipo pergunta/resposta. Ela ajuda o ouvinte descobrir o significado global do texto e organizar seu reconto, priorizando as idéias que têm maior conexão com as demais, e essas relações de tipo pergunta/resposta organizam o reconto.

Por outro lado, a análise do tipo de relação pergunta/resposta indicou que a correlação é nítida para as perguntas POR QUE? de causa e de finalidade. Em contrapartida, as relações pergunta/resposta COMO? ONDE e QUANDO? não replicaram a correlação. Essa diferença entre as perguntas pode ter duas explicações. A primeira, puramente numérica, sugere que o número bem menor de relações de tipo COMO? e QUANDO/ONDE? impediu a evidência de uma possível correlação. Entretanto, os resultados dos sub-grupos mostraram que, mesmo em pouco número, a presença de relações de modo, através da pergunta COMO?, possibilitou observar diferentes estilos de reconto através do avanço da idade. Participantes com mais idade retiveram na memória e incorporaram em seu relato as relações modais entre as frases elementares, como as características do personagem (o velho vivia sozinho), do local e objetos (a escada estava mal equilibrada) ou das ações (o velho gritou com uma voz forte). Como alguns autores têm apontado, o reconto de idosos caracteriza-se pela presença de maior subjetividade e de proposições avaliativas (Adams, Smith, Nyquist & Perlmutter, 1997; Parente, 1997).

A segunda explicação do predomínio das perguntas POR QUE? decorre de uma característica intrínseca da narrativa: a seqüência de eventos requer relações de causa entre um evento antecedente e seu consequente, assim como, a busca de uma finalidade que justifique a

Experimento 2

O resultado do primeiro experimento foi a da Questionabilidade Textual mostrando uma probabilidade de reconto e a força das frases elementares para a verificação do segundo pressuposto da Teoria da Questionabilidade Textual. Este se dirige aos limites da correlação entre a força de questionabilidade: ela será mais evidente quando o ouvinte pode acompanhar claramente as intenções do autor. Isso porque a força de questionabilidade é dada por intenções externas. Quando o texto não for muito claro, o ouvinte terá que recorrer a questões não literais para organizar seu reconto, com maior liberdade para escolher uma hierarquia de questões, independentemente da que ouviu.

Para verificar essa situação optou-se por manter a estrutura da versão A, formando duas versões diferentes, mas comum as idéias essenciais. Em uma das versões, as idéias essenciais, encontravam-se detalhes pertinentes da história. Os detalhes pertinentes enfatizam as informações que servem de pistas para a seqüência futura a ser apresentada (Tannen, 1985, citado em Koch, 2002), para um texto linear, seqüencial, a continuidade dos sentidos é assegurada por recursos de manutenção temática, entre os quais a recorrência de itens de um mesmo campo como a relação entre significados influi na consistência. São requisitos básicos para a coerência textual, sem os quais a quantidade de enunciados do texto dentro de um mesmo campo não é suficiente para garantir a coerência dentro dos mundos representados no texto (Koch, 2002, p. 99). A segunda história possuía a mesma estrutura da primeira, mas os detalhes eram não pertinentes para a história. Com isso, a coesão textual e a consistência da história foram quebradas, de forma que o interlocutor tinha menos pistas para organizar seu reconto. Em termos de mecanismos de pergunta/resposta, a menor probabilidade do ouvinte/leitor elaborar perguntas não produz eco no desenrolar da história (as versões são discutidas no Anexo A).

O Experimento 2 seguiu basicamente os mesmos procedimentos do Experimento 1, ou seja, é um experimento sobre o reconto de histórias. Diferentemente do Experimento 1, foram utilizadas duas outras histórias, a história apresentada na Versão A. Ambas versões apresentavam as idéias principais da Versão A, mas uma incluía detalhes mais relevantes (Versão C) e a outra os detalhes

a versão D, sendo que 41 tinham mais de 60 anos e 38 entre 20 a 59 anos; 40 tinham escolaridade maior do que 8 anos e 39, entre 4 e 7 anos; e 41 recontaram a partir da escuta da história e 38, a partir de sua leitura. Todos preencheram um termo de consentimento e a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFRGS.

Material

As versões C e D foram criadas a partir da análise de juízes (estudantes universitários) sobre a relevância das informações que constituíam a versão A. Esta foi distribuída para 45 estudantes universitários. Eles foram instruídos para sublinhar todos os elementos (palavras e frases) que achassem essenciais para a história e circular aqueles que eram irrelevantes. A versão D foi construída pelas proposições aceitas por mais de 50% dos participantes como contendo idéias essenciais (macroproposições, no sentido de Kintsh e van Dijk, 1978) e por aquelas que 50% ou mais dos estudantes consideraram que as proposições eram irrelevantes (detalhes irrelevantes). A versão C, por sua vez, foi construída pelas mesmas proposições consideradas como macroestrutura (ou seja, 50% ou mais dos estudantes sublinharam as frases como pertencentes às idéias relevantes), e com as proposições que menos de 50% consideraram como essenciais e as que menos de 50% consideraram como irrelevantes. Essas proposições de escore baixo em ambas categorias foram consideradas como detalhes relacionados ao significado essencial. Desta forma, na Versão C, conforme julgamento dos estudantes universitários, as proposições de tipo detalhe mantinham uma relação de sentido mais estreita com a macroestrutura, enquanto que na versão D, os detalhes expressavam significados praticamente periféricos ao enredo da história. Ambas versões possuíam 48 proposições. Para essas duas versões foram feitas as contagens de força de questionabilidade de cada frase elementar. Como mostra a Figura 2, na versão C encontrava-se um maior número de relações

Tabela 3
Médias, Desvios-padrão, Máxima e Mínima das Diferentes Medidas da Força de Questionabilidade e dos Recountos dos

	<i>m(dp)</i>	<i>Máx.</i>		
	Versão C	Versão D	Versão C	Versão D
Força de questionabilidade				
Total	4,81(4,29)	3,59(3,73)	17	14

Figura 2. Proporção de relações com o COMO? e QUANDO/ONDE?

POR QUE?, enquanto que na versão de relações QUANDO? e ONDE?

Results

Na Tabela 3 encontram-se as maiores e menores forças de questionabilidade de participantes das versões C e D. Observa-se que a força de frases elementares bastante semelhante entre as duas versões, apresentava uma média bem maior para a versão C. As frases elementares também foram mais frequentes nos recontos da versão C do que nos da versão D, para todos os grupos de participantes. A Figura 3 contém a força de questionabilidade de cada frase e a ocorrência das mesmas no reconto da versão C. A versão C, cuja correlação é significativa com a idade de cada subgrupo, também mostrou correlações significativas: idosos ($r=0,489$; $p=0,001$), grupo de escolaridade alta ($r=0,422$; $p=0,010$) e grupo de escolaridade baixa ($r=0,422$; $p=0,010$).

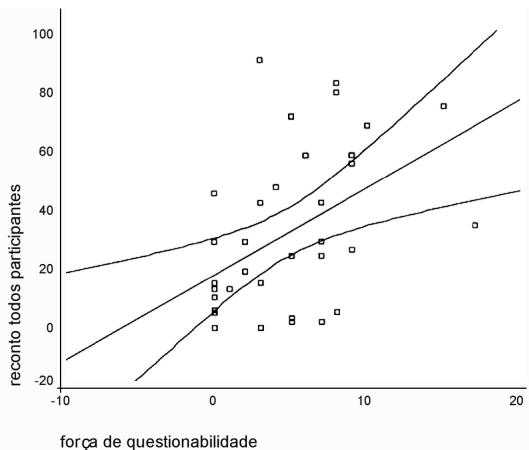


Figura 3. Correlação entre a força de questionabilidade e o reconto da Versão C por todos os participantes.

e após apresentação oral ($r=0,510; p=0,001$). Análise de regressão mostrou que a força de questionabilidade é um preditor para o reconto de frases elementares ($r=0,481; p=0,003$). No estudo de cada tipo de relação pergunta/resposta, foi encontrada em correlação ligeiramente significativa para a pergunta POR QUE, no reconto de todos os participantes ($r=0,569; p=0,000$) e no estudo dos subgrupos: idosos ($r=0,583; p=0,000$); jovens adultos ($r=0,572; p=0,000$); baixa escolaridade ($r=0,492; p=0,002$); alta escolaridade ($r=0,585; p=0,000$); após apresentação oral ($r=0,572; p=0,000$) e após leitura ($r=0,572; p=0,001$). As perguntas COMO? e as ONDE/QUANDO? não se correlacionaram com o reconto de todos os participantes e em nenhum dos subgrupos estudados.

Na Versão D, não foi encontrada correlação significativa ($r=0,287; p=0,069$). Somente alguns sub-grupos mostraram correlações fracas entre seus recontos e a força de questionabilidade: idosos ($r=0,316; p=0,044$), alta escolaridade ($r=0,309; p=0,049$) e, após leitura ($r=0,323; p=0,040$). Nos outros grupos (jovens adultos, baixa escolaridade e após apresentação oral), não foram encontradas correlações significativas. Quando analisado cada tipo de pergunta separadamente, observou-se uma correlação significativa com as relações pergunta/resposta POR QUE? com o reconto de todos os participantes ($r=0,536; p<0,001$) e com os diferentes subgrupos analisados separadamente: idosos ($r=0,565; p<0,001$); jovens adultos

trama da história. Desta forma, torna-se mais fácil compreender o texto seguir as intenções do autor, quando as informações referem-se ao significado geral da história, quando os comentários distanciam-se da finalidade de questionabilidade total não correlacionada, sugerindo que aqueles que relataram as histórias acompanharam a diversidade de relações de significado proposta pelo autor.

Um resultado não previsto pela teoria foi a alta correlação muito significativa, na Versão D, entre a força de questionabilidade oferecida na pergunta POR QUE? e o reconto dos participantes. Parecem estar em concordância com a proposta de Borek (1994; Campion & Rossi, 2001; Langston, 1994), de que durante a compreensão, uma estrutura é criada a partir do texto recebido. A emergência da alternativa pergunta POR QUE?, na Versão D, pode estar sendo exigido para compreender uma narrativa cuja estrutura é clara, em decorrência de detalhes paralelos. As alternativas ativeram-se ao núcleo principal da narrativa, a qual os participantes trouxeram ao seu reconto os detalhes importantes para o significado principal do texto. Por serem mais difíceis de serem recuperados na memória, as palavras, devido à pouca ativação dos detalhes, foram esquecidas. Os participantes foram obrigados a reter-se às intenções da finalidade a fim de produzir um reconto plausível.

Desta forma, a alta correlação da pergunta POR QUE? com o reconto dos participantes indica que as relações de significado estão presentes na atividade de reconto, por serem necessárias a produção de um texto narrativo coeso e coerente. A ocorrência exclusiva dessa relação ao lado da ausência de correlação com os outros tipos de recontos com a força de questionabilidade sugere, de acordo com o que havia postulado a Teoria da Textual, que ao ouvir um texto com uma narrativa, o indivíduo elabora uma estrutura diferente daquela que é sugerida pelo tipo de questionabilidade. Como havia sido solicitado aos participantes recontar com o maior nível de detalhes possíveis, os participantes, ao produzir o reconto, eles se ativeram aos elementos da narrativa, inserindo em seu reconto aqueles elementos que estavam na sequência da narrativa.

que mostram as estratégias sócio-interativas de quem produz ou quem comprehende um texto. Recentemente, Van Dijk (2003) propôs que, para a produção textual, o autor precisa de um dispositivo cognitivo complexo e eficaz que em milésimos de segundos analisa os conhecimentos pessoais, interpessoais e culturais prévios do interlocutor, a conveniência do que vai narrar dentro do contexto social e do tempo disponível, a compreensão do interlocutor sobre o que ele já narrou, etc. Em outras palavras, o autor está constantemente inferindo sobre a adequação contextual, entendendo o contexto como os conhecimentos prévios e adquiridos pelo interlocutor, assim como a situação da emissão. Van Dijk denominou esse mecanismo de estratégias de gerenciamento cognitivo (*strategies of knowledge management*). Tais informações são extremamente necessárias na organização textual, na seleção de comentários adicionais ou na omissão de informações redundantes.

A Teoria da Questionabilidade Textual, através das correlações encontradas entre a força de questionabilidade de os recontos dos participantes desse estudo, aponta que um processo semelhante deve ocorrer durante a compreensão de um texto. Aquele que busca compreender um texto está constantemente inferindo sobre a forma como um autor escolhe determinada versão da história. Assim, entre as estratégias de quem busca compreender uma história, encontra-se uma procura implícita das questões que a história ouvida ou lida busca responder.

Referências

- Adams, C., Smith, M. C., Nyquist, L. & Perlmuter, M. (1997). Adult age-group differences for the literal and interpretive meanings of narrative text. *Journal of Gerontology British Psychological Science Society*, 52, 187-195.
- Broek, P. Van der (1994). Comprehension and memory of narrative texts. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 539-588). New York, NY: Academic Press.
- Campion, N. & Rossi, J. -P. (2001). Associative and causal constraints in the process of generating predictive inferences. *Discourse Processes*, 31, 263-291.
- Chali, Y. (1996). Représentation logico-linguistique des questions/réponses suscitées par un texte. *Recital*, 96, 25-36.
- Chali, Y. (1997). *L'expansion de texte. Une approche basée sur l'explication par questions/réponses pour la génération de versions de textes*. Tese de Doutorado não-publicada, Institut de Recherche en Informatique de Toulouse, Université Paul Sabatier. Toulouse, França.
- Fletcher, C. R. (1994). Levels of representation in memory for discourse. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 589-607). New York, NY: Academic Press.
- Graesser, A. C., McMahan, C. L. & Johnson, C. (1984). Questioning and answering. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 517-538). New York, NY: Academic Press.
- Graesser, A. C. & Murachver, T. (1985). Symbols and meaning. Em A. C. Graesser & J. B. Black (Orgs), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 311-338). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Harrah, D. (1984). The logic of questions. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (Vol. II, pp. 111-132). New York, NY: Academic Press.
- Harris, Z. (1969). *Structural linguistics* (8th ed.). New York, NY: Ronald.
- Kintsh, W. (1988). The role of knowledge in text comprehension. *Psychological Review*, 95, 151-178.
- Kintsh, W. (1994). The psychology of discourse. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 339-366). New York, NY: Academic Press.
- Koch, I. V. (2002). *O texto e a construção do discurso*. São Paulo: Ed. da UFSCar.
- Koch, I. V. & Travaglia, L. C. (2002). *A coerência textual*. São Paulo: Ed. da UFSCar.
- Materna, P. (1981). Question-like and non-question-like imperative sentences. *Linguistics and Philosophy*, 4, 1-22.
- Millis, K. K. & Barker, G. P. (1996). Answering questions. *Discourse Processes*, 21, 57-84.
- Olson, G. M., Duffy, S. A. & Mack, R. L. (1982). The effect of text comprehension. Em A. C. Graesser (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 219-226). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Parente, M. A. M. P., Capuano, A. & Nespoulet, M. (1996). Questioning and non-questioning imperative sentences. *Discourse Processes*, 21, 17-32.
- Richards, E. & Singer, M. (2001). Representing and comprehending narratives. *Discourse Processes*, 31, 263-291.
- Singer, M. (1984). Toward a model of question answering. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 10, 219-226.
- Singer, M. (1986). Answering Wh-questions. *Journal of Memory and Language*, 25, 238-254.
- Singer, M. (1994). Discourse inference processes. Em M. A. Gernsbacher (Org), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 479-510). New York, NY: Academic Press.
- Singer, M. (1996). Comprehending consistent and inconsistent text. *Discourse Processes*, 21, 57-84.
- Singer, M. & Ferreira, F. (1983). Inferring causal relations. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 22, 101-115.
- Singer, M. & Halldorson, M. (1996). Constructing knowledge. *Discourse Processes*, 21, 17-32.
- Singer, M. & Kintsh, W. (2001). Text retrieval and construction. *Discourse Processes*, 31, 27-59.
- Van Dijk, J. (2003). Contextual knowledge and text comprehension. *Abstracts of the Thirteenth Annual Meeting of the Psychonomic Society*, 13, 1-3.
- Virbel, J. (1997). Aspects du contrôle des structures de discours. Em M. A. Gernsbacher & J. Lambert (Orgs), *Perception auditive et langage* (pp. 271-291). Marseille: Solal.

Anexo A

Versão A

Um velho homem ranzinza que vivia sozinho há muito tempo e que ia fazer 74 anos em dezembro não
Ele morava numa casa rodeada por um jardim bem cuidado, pois era o seu lazer, e mantinha uma vara de bambu
sua mão, na porta de entrada, com a qual ele ameaçava as crianças barulhentas de um prédio BNH vizinho.

Um dia, numa terça-feira, quando ele estava destruindo um ninho de pardais, ele ficou preso no telhado
e cinqüenta de altura. Isso porque querendo descer muito rápido, ele deixou cair a escada de alumínio que havia
equilibrada contra a parede do sobrado. Como o homem pôs-se a gritar com a ajuda de uma voz forte, um garoto
brincava, calmamente, com bolinha de gude na rua perto da cerca, levantou a cabeça, compreendeu a situação
escada que estava caída no chão ao lado de uma roseira.

Depois dessa vergonhosa aventura, no domingo, ele convidou seu salvador loiro para vir ao seu jardim
lhe, ofereceu, sob as árvores, um lanche acompanhado de suco de maçã.

Versão C

Um velho homem ranzinza que vivia sozinho há muito tempo não suportava crianças. Ele morava numa casa
um jardim e mantinha uma vara ao alcance de sua mão, com a qual ele ameaçava as crianças barulhentas de um prédio BNH vizinho.

Um dia, quando ele estava destruindo um ninho de pardais, ele ficou preso no telhado. Isso porque querendo descer
rápido, ele deixou cair a escada que havia colocado mal equilibrada. Como o homem pôs-se a gritar com a ajuda de uma voz forte, um garoto corajoso que brincava perto da cerca, compreendeu a situação e recolocou a escada.

Depois dessa vergonhosa aventura, ele convidou seu salvador para vir ao seu jardim e, para agradecer, lhe
lanche.

Versão D

Um homem velho, que ia fazer setenta e quatro anos em dezembro, não suportava crianças. Ele morava numa casa
de um jardim bem cuidado, pois era seu lazer, e mantinha uma vara de bambu na porta de entrada, com a qual ele
crianças de um prédio BNH.

Um dia, numa terça-feira, ficou preso sobre o telhado de três metros e cinqüenta. Isto porque, deixou
alumínio que tinha colocado contra a parede do sobrado. Como o homem pôs-se logo a gritar, um garoto
calmamente com bolinha de gude na rua, levantou a cabeça e recolocou a escada, que estava ao lado de um muro.

Depois, no domingo, ele convidou seu salvador, loiro, e lhe ofereceu, sob as árvores, um lanche acompanhado de suco de